

# **Interseccionalidade e Tecnologia: Um Mapeamento Sistemático de Publicações em Português sobre Gênero, Raça e Classe na Participação Feminina**

**Karolyne Rodrigues<sup>1</sup>, Rayane Silva Duarte, Ádina Lima  
Fernanda Ferreira do Nascimento<sup>1</sup>, Rogério Lopes Vieira César<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Instituto Federeal do Ceará (IFCE)

Rodovia Iguatu / Várzea Alegre, km 05 s/n, BR-122, 505 - Cajazeiras, Iguatu - CE, 63500-000

[karolynerodrigues243@gmail.com](mailto:karolynerodrigues243@gmail.com)

[nascimentofernandaf@outlook.com](mailto:nascimentofernandaf@outlook.com)

**Abstract.** *The present study consists of a Systematic Literature Mapping aimed at identifying, analyzing, and evaluating academic works that address the intersection of gender, race, and class in women's participation in the technology sector. The mapping investigates how comprehensive and critical scientific outputs have been in addressing the issue of structural inequalities that hinder the inclusion of women, especially Black and low-income women, in technology. The research not only highlights the barriers faced but also seeks to identify strategies of resistance and initiatives that promote the empowerment of these women.*

**Resumo.** *O presente estudo consiste em um Mapeamento Sistemático da Literatura que objetivou buscar, analisar e avaliar trabalhos acadêmicos que abordem a interseção de gênero, raça e classe na participação feminina no setor tecnológico. O Mapeamento investiga o quanto abrangente e crítica os produtos científicos estão tratando a problemática das desigualdades estruturais que limitam a inclusão de mulheres, especialmente negras e de baixa renda, no campo da tecnologia. A pesquisa não apenas destaca as barreiras enfrentadas, mas também busca identificar estratégias de resistência e iniciativas que promovem o empoderamento dessas mulheres.*

## **1. Introdução**

A tecnologia é uma das forças transformadoras mais poderosas da sociedade moderna, impactando diversas esferas, desde a economia até as relações culturais e políticas. No entanto, a participação feminina na área de tecnologia permanece significativamente baixa, apesar do avanço educacional das mulheres no Brasil. De acordo com a terceira edição das Estatísticas de Gênero do IBGE, publicada em 2022 [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2022], a presença de mulheres nos cursos STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) caiu para 22%, evidenciando um cenário de sub-representação e desafios estruturais que dificultam a inclusão feminina no setor tecnológico.

A interseccionalidade, conceito proposto por Kimberlé Crenshaw em 1989 [Crenshaw 1989], é fundamental para compreender como diferentes formas de opressão,

como gênero, raça e classe, se interconectam e criam obstáculos adicionais para mulheres negras e de baixa renda no setor da tecnologia. É evidente que o tema vem se aprofundando atualmente, demonstrado por estudos como o de Santos e Silva [Santos and Silva 2020], que analisa as origens e a importância da interseccionalidade nos estudos de gênero, e o de Leal [Leal and Neto 2022], que investiga as relações entre a interseccionalidade e as ideias de Deleuze e Guattari [Deleuze and Guattari 1995], contribuindo para a compreensão das opressões no contexto tecnológico. Segundo o estudo de Santos e Silva [Santos and Silva 2021], 65,3% das participantes atribuíram a baixa participação feminina na tecnologia ao machismo e preconceito de gênero, sendo que essas questões se intensificam quando evidenciadas sob a ótica da raça e da classe social.

A exclusão das mulheres negras da tecnologia não é apenas um reflexo da desigualdade no mercado de trabalho, mas também da falta de acesso às redes, educação e oportunidades, perpetuando o que é chamado de “*tecno-apartheid*” [Canclini 2015]. Esse conceito descreve como as desigualdades tecnológicas são profundas, moldadas por barreiras históricas, dificultando o acesso e a permanência de mulheres negras de baixa renda no setor tecnológico.

Diante deste preocupante cenário, o objetivo desta pesquisa é realizar um Mapeamento Sistemático da Literatura (MSL) sobre a interseção entre gênero, raça e classe na participação feminina no setor tecnológico. A partir desse levantamento, buscamos identificar as principais barreiras enfrentadas por essas mulheres, bem como explorar estratégias de resistência e iniciativas que busquem superar tais desigualdades. A pesquisa também pretende destacar o papel de organizações e projetos, que oferecem treinamento e capacitação para mulheres em situação de vulnerabilidade, atuando como um vetor de empoderamento e inclusão no mercado tecnológico.

Trabalhar essa temática se faz necessário devido às lacunas existentes na literatura sobre a interseção entre gênero, raça e classe na tecnologia, e às iniciativas voltadas para a inclusão dessas mulheres ainda serem pouco divulgadas. Embora existam algumas ações isoladas, as desigualdades estruturais continuam a prevalecer, o que torna essencial uma análise mais aprofundada para a proposição de soluções eficazes.

A estrutura deste trabalho está organizada em fragmentos que abordam de forma clara a pesquisa. Inicia com a introdução na Seção 1, seguida pela Seção 2 que descreve os procedimentos metodológicos. A Seção 3 descreve o resultados da busca, as respostas para as questões de pesquisa e a discussão. Por fim, as considerações finais na Seção 4 sintetizam as descobertas e sugerem propostas para futuras pesquisas e ações para combater desigualdades no setor de tecnologia.

## 2. Materiais e métodos

Este MSL segue as diretrizes de Petersen [Petersen et al. 2008] e Kitchenham [Kitchenham 2004], adotando o protocolo definido pelo MSL de Nascimento *et.al* [Nascimento et al. 2024]. As etapas incluem: definição do protocolo, seleção dos estudos primários, extração de dados e análise dos resultados.

Na definição do protocolo, foram estabelecidos: perguntas de pesquisa, fontes de dados, estratégia de busca, critérios de inclusão/exclusão, avaliação da qualidade dos estudos e formulário de coleta de dados. A seleção dos estudos primários consistiu na

busca, filtragem e aplicação dos critérios definidos. Na extração de dados, foram analisadas informações relevantes para responder às questões de pesquisa. Por fim, os resultados foram organizados e sintetizados em gráficos e tabelas.

## 2.1. Questões de Pesquisa

Este estudo investiga como gênero, raça e classe social impactam a participação de mulheres na tecnologia no Brasil, identificando desafios e iniciativas de inclusão. As questões de pesquisa foram:

- **Q1:** Quais desafios mulheres negras e/ou de baixa renda enfrentam na tecnologia no Brasil?
- **Q2:** Quais fatores dificultam sua entrada e permanência no setor?
- **Q3:** Existem iniciativas no Brasil para ampliar essa participação?
- **Q4:** Como os estudos acadêmicos brasileiros abordam essa interseccionalidade?

## 2.2. Critérios de Seleção

Os critérios de inclusão garantem a relevância dos estudos analisados [Fuzeto and Braga 2016].

### Critérios de Inclusão (CI):

- CI1: Publicações entre 2020 e 2024.
- CI2: Estudos em português e com foco no Brasil.
- CI3: Artigos, teses e dissertações científicas.
- CI4: Trabalhos que analisam gênero, raça e classe social na tecnologia.
- CI5: Estudos que abordam barreiras, oportunidades ou políticas de inclusão.

### Critérios de Exclusão (CE):

- CE1: Trabalhos sobre mulheres na tecnologia sem considerar raça e classe.
- CE2: Estudos que tratam gênero, raça ou classe isoladamente, sem relação com tecnologia.
- CE3: Publicações que mencionam o tema sem análise aprofundada.
- CE4: Estudos duplicados (considerando-se apenas o mais recente).
- CE5: Pesquisas focadas em outros países ou escritas em idiomas diferentes do português.

## 2.3. Critérios de Qualidade

Os estudos foram avaliados conforme Kitchenham [Kitchenham 2004] para garantir rigor metodológico, mas sem exclusão de trabalhos. Foram analisados:

- **CQ1:** Clareza dos objetivos.
- **CQ2:** Descrição da metodologia.
- **CQ3:** Evidências empíricas.
- **CQ4:** Abordagem da interseccionalidade.
- **CQ5:** Fundamentação dos resultados.

Cada critério foi pontuado de 0 a 2.

## **2.4. String de Busca e Fontes**

A string de busca definida foi: ‘‘mulher gênero raça classe social tecnologia’’, garantindo a abrangência de estudos interseccionais sobre o tema.

As bases consultadas foram:

- Google Scholar<sup>1</sup>;
- Portal de Periódicos da CAPES<sup>2</sup>;
- Anais da Women in Information Technology (WIT)<sup>3</sup>.

Essas fontes foram escolhidas por sua relevância para pesquisas acadêmicas em tecnologia e diversidade.

## **2.5. Processo de Seleção**

O processo foi dividido em três fases:

1. Coleta de trabalhos nas bases selecionadas.
2. Seleção inicial por meio da leitura de títulos e resumos, aplicando os critérios de inclusão e exclusão.
3. Seleção final, com leitura integral dos estudos para garantir a adequação à pesquisa.

## **2.6. Condução do Estudo**

As buscas foram ajustadas conforme as bases de dados, garantindo consistência na aplicação da string de busca. Os estudos selecionados passaram por um processo colaborativo de avaliação, envolvendo múltiplos pesquisadores. Em casos de divergência, debates em grupo garantiram um consenso.

Os dados extraídos foram organizados para responder às questões de pesquisa, conforme detalhado nas seções seguintes.

# **3. Resultados e Discussão**

Nesta seção, apresentam-se as respostas para as questões de pesquisa, associadas à análise dos estudos selecionados. A discussão dos resultados ocorre de forma integrada para otimização da estrutura.

## **3.1. Processo de Seleção dos Estudos**

A triagem inicial identificou 41 trabalhos alinhados à string de busca. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão (Seção 2.2), 11 artigos foram selecionados para leitura completa. Destes, 8 foram incluídos na revisão final, conforme ilustrado na Figura 1<sup>4</sup>.

Para organização das informações extraídas, elaborou-se uma ficha para cada artigo, destacando objetivo, abordagem metodológica e contribuição principal. A Tabela 1<sup>5</sup> exibe os trabalhos incluídos no estudo.

---

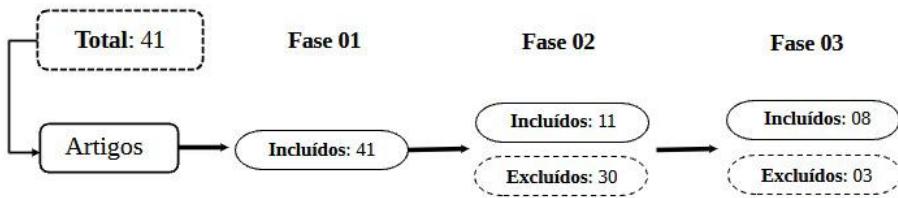
<sup>1</sup><https://scholar.google.com/>

<sup>2</sup><https://www-periodicos-capes-gov-br.ez29.periodicos.capes.gov.br/>

<sup>3</sup><https://sol.sbc.org.br/index.php/wit>

<sup>4</sup>Fonte: elaborada pelos autores (2025).

<sup>5</sup>Fonte: elaborada pelos autores (2025).



**Figura 1. Fluxo de inclusão e exclusão dos estudos analisados.**

**Tabela 1. Trabalhos selecionados na revisão sistemática.**

ID	Título	Autor(es)
#1	O Gênero Negro Feminino nas Redes Sociais: o que Revelam as Produções Acadêmicas.	[de Oliveira Lobo and Maciel 2021]
#2	{reprograma}: gênero e tecnologia em um estudo de caso preliminar.	[Follador 2021]
#3	Brasileiras das ciências e tecnologias e as ciências e tecnologias das brasileiras.	[Incerti and Casagrande 2022]
#4	Negras in tech: Apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência.	[Lima and Oliveira 2020]
#5	Interseccionalidade, tecnologias e ativismos: perspectivas a partir da Rede de Mulheres Negras do Paraná.	[Witkowski et al. 2024]
#6	Imagens de gênero e raça na tecnologia da informação: invisibilidades negras, territórios brancos; mulheres ocultas, espaços masculinos.	[de Souza and Tosta 2024]
#7	Gênero e TI: Qual o lugar das mulheres na área de tecnologia?	[Visentini et al. 2022]
#8	Reflexões sobre a Participação da Mulher no Contexto Científico e Tecnológico Contemporâneo.	[Leite et al. 2024]

### **3.2. Q1 - Quais desafios as mulheres negras e/ou de baixa renda enfrentam na tecnologia no Brasil?**

Sob a perspectiva dos estudos acadêmicos brasileiros, os desafios enfrentados por mulheres negras e/ou de baixa renda na tecnologia envolvem barreiras estruturais, desigualdade de oportunidades e a influência de fatores socioeconômicos e culturais. Os trabalhos analisados destacam diversas dificuldades que limitam o acesso e a permanência dessas mulheres na área.

Os trabalhos #1, #5, #2 e #7 destacam desafios como racismo, machismo e discriminação. Os trabalhos #2, #3 e #6 apontam a falta de oportunidades e incentivos como grandes barreiras. Já os trabalhos #4 e #6 ressaltam a ausência de políticas de inclusão, pouca representatividade e a falta de acesso a ferramentas e conhecimento. O trabalho #1 também apresenta a opressão e a dominação como desafios. Além disso, os trabalhos #6 e #8 mencionam a desigualdade de gênero e raça, enquanto o trabalho #6 também aborda a disparidade salarial e uma cultura organizacional excludente.

A desigualdade de gênero e raça na tecnologia é um reflexo de exclusões estruturais que impactam a entrada e a permanência de mulheres negras e de baixa renda nesse setor. A perspectiva da interseccionalidade [Akotirene 2019] permite compreender como as opressões de gênero, raça e classe social se sobrepõem, criando múltiplas barreiras.

Segundo o relatório da PretaLab [PretaLab 2021], apenas 30% das pessoas que trabalham com tecnologia no Brasil são mulheres, e a presença de mulheres negras é ainda mais reduzida.

Um dos principais desafios é a influência de estereótipos de gênero e raça, que reforçam a ideia de que a tecnologia é um campo predominantemente masculino e branco. Esses estereótipos impactam diretamente a autoconfiança e a trajetória profissional dessas mulheres [Collins 2019]. Além disso, o racismo estrutural no Brasil limita a mobilidade social da população negra, criando obstáculos desde a formação até a inserção no mercado de trabalho [Carneiro 2020].

### **3.3. Q2 - Que fatores tornam mais difícil para essas mulheres entrarem e continuarem na tecnologia?**

Os estudos acadêmicos brasileiros indicam que as dificuldades enfrentadas por mulheres negras e/ou de baixa renda na tecnologia vão além do acesso inicial, estendendo-se à permanência e ao avanço profissional. Essas barreiras incluem fatores culturais, econômicos e estruturais que limitam o desenvolvimento dessas mulheres no setor.

Os trabalhos #1 e #6 citam como desafios a influência de estereótipos de gênero e raça, que resultam em uma imagem estereotipada, silenciada e na falta de modelos a seguir. Os trabalhos #2, #3 e #5 apontam o machismo, racismo, preconceito de gênero e barreiras estruturais como obstáculos que são agravados por fatores socioeconômicos. Já os trabalhos #3, #4 e #6 mencionam a restrição de acesso à educação, desigualdade socioeconômica, baixa acessibilidade a recursos digitais e ausência de redes de apoio.

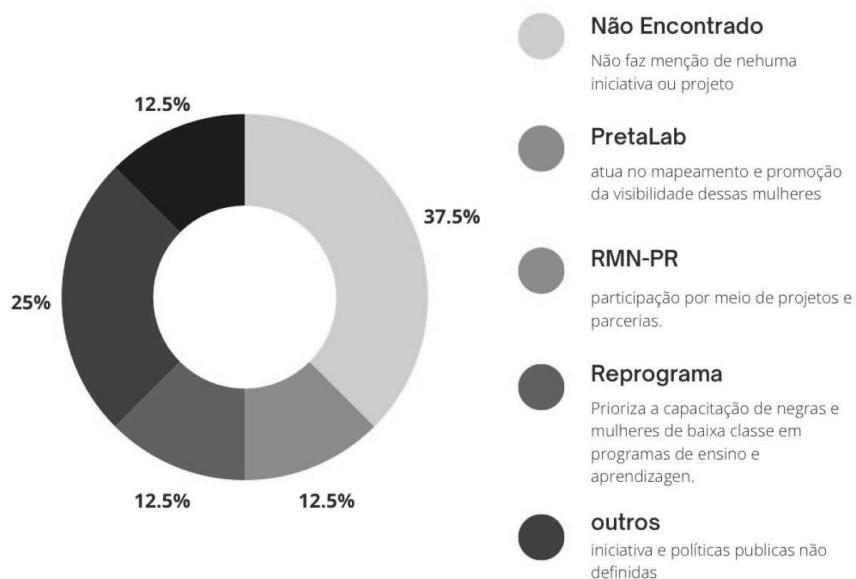
Além disso, os trabalhos #6, #7 e #8 ressaltam a falta de representatividade, ambientes de trabalho não inclusivos, ausência de apoio de colegas e a menor presença feminina em cargos de prestígio, fatores que dificultam tanto a entrada quanto a permanência dessas mulheres na área de tecnologia.

Hirata e Kergoat [Hirata and Kergoat 2021] argumentam que a divisão sexual do trabalho impacta diretamente a inclusão de mulheres na tecnologia, restringindo sua participação a áreas com menor reconhecimento. Dados da AfroCebrap [AfroCebrap 2021] mostram que a baixa acessibilidade a recursos digitais também contribui para essa desigualdade.

O relatório do Instituto Identidades do Brasil (ID\_BR) [Instituto Identidades do Brasil 2022] aponta que muitas empresas ainda não possuem políticas efetivas de diversidade racial e de gênero, o que gera ambientes hostis e pouco receptivos para mulheres negras. Além disso, há disparidades salariais significativas, conforme indicado pelo Relatório Global de Desigualdade de Gênero do Fórum Econômico Mundial [World Economic Forum 2022], que mostra que mulheres negras no Brasil recebem salários menores e enfrentam maiores dificuldades para ascensão profissional [Htun and Piscopo 2021].

### 3.4. Q3 - Existem iniciativas no Brasil para aumentar a presença de mulheres negras e/ou de baixa renda na tecnologia?

Embora os desafios sejam significativos, diversas iniciativas buscam mitigar essas desigualdades (Figura 2<sup>6</sup> ).



**Figura 2. Distribuição percentual dos tipos de iniciativas de inclusão identificadas.**

- **Reprograma (#2)**: capacitação de mulheres negras, trans e de baixa renda em programação [Reprograma 2022].
- **PretaLab (#4)**: mapeamento e visibilidade de mulheres negras nas TICs [PretaLab 2021].
- **Rede de Mulheres Negras do Paraná (RMN-PR) (#5)**: fortalecimento da participação feminina por meio de parcerias.
- **Projetos institucionais (#7 e #8)**: políticas públicas e ações empresariais voltadas para diversidade.
- Os estudos #1, #3 e #6 não abordam ações concretas.

Além dessas iniciativas da sociedade civil, há esforços no setor privado e em políticas públicas para aumentar a diversidade na tecnologia. Programas como *Meninas Digitais*, da Sociedade Brasileira de Computação, e *Mulheres na Ciência*, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), incentivam a participação feminina, especialmente de grupos sub-representados.

No entanto, desafios persistem, como a necessidade de maior financiamento, ampliação do alcance desses programas e mudanças estruturais dentro das empresas para garantir a retenção e promoção dessas mulheres [World Economic Forum 2022].

<sup>6</sup>Fonte: elaborada pelos autores (2025).

### **3.5. Q4 - Como os estudos acadêmicos brasileiros abordam essa questão?**

Sob a perspectiva dos estudos acadêmicos brasileiros, a questão da desigualdade de gênero e raça na tecnologia foi analisada por meio de diferentes abordagens metodológicas.

Alguns estudos utilizam levantamentos bibliográficos, como o trabalho #1, que realiza uma revisão de dissertações e teses sobre mulheres negras e redes sociais, fornecendo um panorama da produção acadêmica sobre o tema, permitindo mapear a produção acadêmica e identificar lacunas no conhecimento existente [Lima and Viana 2022].

Outros estudos aplicam metodologias qualitativas e interseccionais, como o estudo #2, que analisa fatores estruturais — como machismo e racismo — e aponta que a inclusão exige ações de toda a sociedade. O estudo #3 destaca a necessidade de aprofundar a interseccionalidade, considerando a influência combinada de gênero, raça e classe. Esses estudos aprofundam a compreensão das dinâmicas de exclusão e reforçam a necessidade de mudanças estruturais na sociedade e no mercado de trabalho [Akotirene 2019].

Os estudos #4 e #5 exploram conceitos sociológicos, como "*techno-apartheid*" e epistemicídios, analisando o uso da tecnologia como ferramenta de resistência para mulheres negras. Essas pesquisas realizam uma abordagem crítica sobre a exclusão digital e o apagamento da produção intelectual de mulheres negras. Segundo Noble [Noble 2018], o racismo algorítmico perpetua desigualdades na tecnologia, reforçando a marginalização de determinados grupos.

No estudo #6, os autores adotam uma abordagem mista, combinando análises quantitativas e qualitativas para investigar a baixa representatividade feminina e negra na área de TI. Essa abordagem é relevante para quantificar a exclusão e, ao mesmo tempo, compreender as narrativas das mulheres negras na tecnologia. Conforme apontam Oliveira e Santos [Oliveira and Santos 2021], pesquisas que combinam dados quantitativos e qualitativos são essenciais para entender fenômenos sociais complexos, pois permitem tanto a identificação de padrões estatísticos quanto a análise das experiências individuais.

Por fim, os estudos #7 e #8 enfatizam perspectivas sociológicas e históricas, discutindo como a construção social do mercado de trabalho afeta a inserção das mulheres na ciência e tecnologia, além de apontar a falta de estudos focados em mulheres negras, demonstrando como a tecnologia ainda reflete desigualdades estruturais de gênero e raça. A pesquisa de Hirata e Kergoat [Hirata and Kergoat 2021] reforça essa perspectiva, argumentando que a divisão sexual do trabalho e a segregação ocupacional continuam sendo obstáculos para mulheres em áreas de ciência e tecnologia.

Apesar dos avanços na pesquisa acadêmica sobre o tema, ainda há lacunas significativas, especialmente no que se refere a estudos quantitativos de grande escala e à avaliação do impacto de políticas públicas para a inclusão digital e profissional de mulheres negras na tecnologia. O fortalecimento dessas investigações pode embasar ações mais eficazes para combater as desigualdades no setor.

### **3.6. Ranking dos Trabalhos Selecionados**

Após a extração dos dados, a coleta das respostas para as perguntas de pesquisa e a aplicação dos critérios de qualidade, foi elaborado um ranking dos trabalhos analisados.

Esse ranking foi definido com base nas pontuações atribuídas a cada critério de qualidade, permitindo uma avaliação comparativa da robustez metodológica e da relevância dos estudos incluídos.

A Tabela 2<sup>7</sup> apresenta a distribuição percentual das pontuações atribuídas aos trabalhos selecionados, destacando a variação entre os estudos e suas contribuições para a compreensão da interseccionalidade na tecnologia.

**Tabela 2. Pontuação dos trabalhos com base nos critérios de qualidade.**

ID	TÍTULO	CQ1	CQ2	CQ3	CQ4	CQ5	TOTAL
#2	{REPROGRAMA}: Gênero e Tecnologia em um Estudo de Caso Preliminar	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	10.0
#5	Interseccionalidade, Tecnologias e Ativismo: Perspectivas a partir da Rede de Mulheres Negras do Paraná	2.0	2.0	2.0	2.0	1.75	9.75
#6	Imagens de Gênero e Raça na Tecnologia da Informação: Invisibilidades Negras, Territórios Brancos, Mulheres Ocultas, Espaços Masculinos	2.0	2.0	2.0	2.0	1.5	9.5
#7	Gênero e TI: Qual é o lugar das mulheres na área de tecnologia?	2.0	1.5	1.5	1.5	1.5	8.0
#8	Reflexões sobre a Participação da Mulher no Contexto Científico e Tecnológico Contemporâneo	2.0	1.5	1.5	1.5	1.5	8.0
#4	Negras in Tech: Apropriação de Tecnologias por Mulheres Negras como Estratégias de Resistência	2.0	1.0	2.0	0.5	2.0	7.5
#3	Brasileiras das Ciências e Tecnologias e as Ciências e Tecnologias das Brasileiras	2.0	1.0	1.0	1.0	1.0	6.0
#1	O Gênero Negro Feminino nas Redes Sociais: o que Revelam as Produções Acadêmicas	2.0	1.5	1.0	0.5	0.5	5.5

#### 4. Considerações Finais

A presente pesquisa buscou identificar e analisar estudos brasileiros que discutem como gênero, raça e classe social afetam a presença e participação de mulheres na área de tecnologia, por meio de um MSL, seguindo um protocolo estruturado e baseado em trabalhos relevantes para a academia. Como resultado final da busca, foram encontrados 8 trabalhos que foram apresentados, analisados e discutidos.

A análise das desigualdades de gênero e raça na tecnologia evidencia que as barreiras enfrentadas por mulheres negras e de baixa renda são resultado de um sistema estrutural de exclusão. A interseccionalidade se mostra fundamental para compreender essas dinâmicas e propor soluções eficazes. Embora existam iniciativas voltadas para a inclusão, ainda há desafios relacionados à permanência e ascensão profissional dessas mulheres no setor.

A produção acadêmica brasileira tem avançado na investigação dessas questões, utilizando abordagens interdisciplinares para analisar tanto os obstáculos quanto as es-

<sup>7</sup>Fonte: elaborada pelos autores (2025).

tratégias de resistência. No entanto, um dos desafios encontrados neste estudo foi a quantidade reduzida de trabalhos acadêmicos sobre o tema nos últimos cinco anos, o que evidencia a necessidade de mais pesquisas nessa área.

Em trabalhos futuros, pretende-se aprofundar esse debate, ampliando o estudo para o cenário internacional, a fim de comparar políticas e iniciativas em outros países e avaliar possíveis modelos que possam ser aplicados ao contexto brasileiro. Além disso, futuras pesquisas incluirão estudos aplicados e projetos extensionistas voltados diretamente ao público-alvo deste estudo, buscando não apenas compreender os desafios, mas também contribuirativamente para a transformação desse cenário.

Como ameaça de viés à validade desta pesquisa, reconhece-se que a string de busca utilizada pode ter sido um fator limitante, restringindo a quantidade de estudos encontrados. Em pesquisas futuras, pretende-se aprimorar a estratégia de busca para garantir um mapeamento mais amplo da produção acadêmica sobre o tema.

A superação das desigualdades no setor de tecnologia requer um esforço conjunto entre sociedade civil, setor privado, academia e políticas públicas. A implementação de políticas afirmativas, a ampliação do acesso à educação tecnológica e a construção de ambientes mais inclusivos são passos fundamentais para garantir uma maior equidade na tecnologia. Com este estudo inicial, espera-se contribuir minimamente com tais esforços.

## Agradecimentos

Agradecemos imensamente a todas as meninas do projeto **ADAs Coders**, estudantes do curso de Bacharelado em Ciência da Computação do IFCE *campus Iguatu*, pelo apoio, incentivo e companheirismo ao longo desta pesquisa. Sua colaboração e motivação foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Também registramos nossa gratidão ao projeto **Meninas Digitais**, cuja iniciativa inspira, acolhe e fortalece a presença feminina na área da Computação, contribuindo diretamente para a transformação de realidades e para a promoção da equidade de gênero na tecnologia.

## Referências

- AfroCebrap (2021). Mulheres negras na tecnologia: Panorama e desafios. <https://www.afrocebrap.org.br/>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Feminismos Plurais. Pôlen Livros, São Paulo.
- Canclini, N. G. (2015). *Sociedades do Conhecimento?* Editora UFMG.
- Carneiro, S. (2020). *Escritos de uma vida*. Editora Zahar, Rio de Janeiro.
- Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Boitempo Editorial, São Paulo.
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine. *University of Chicago Legal Forum*, 1989(1):139–167.
- Deleuze, G. and Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, volume 1. Editora 34, São Paulo. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Lúcia Cláudia Leão.

- Fuzeto, E. and Braga, R. (2016). Revisão sistemática da literatura: Um estudo sobre práticas de revisão em engenharia de software. In *Anais do Workshop de Computação Aplicada à Gestão do Meio Ambiente e Recursos Naturais*, pages 1–6.
- Hirata, H. and Kergoat, D. (2021). Divisão sexual do trabalho e segregação ocupacional. In *Gênero e Trabalho*, pages 101–118. Editora Boitempo.
- Htun, M. and Piscopo, J. M. (2021). Desigualdade de gênero na américa latina. *Gênero e Política na América Latina*, pages 57–78.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2022). Estatísticas de gênero: Indicadores sociais das mulheres no brasil. <https://www.ibge.gov.br/>. 3ª edição.
- Instituto Identidades do Brasil (2022). Relatório anual de diversidade nas empresas brasileiras. <https://www.idbr.org.br/>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- Kitchenham, B. (2004). *Procedures for Performing Systematic Reviews*, volume TR/SE-0401. Keele University Technical Report.
- Leal, D. and Neto, V. M. (2022). Interseccionalidade e a esquizoanálise: Conquistas macropolíticas e retrocessos micropolíticos. *Psicologia Sociedade*, 34:e23314.
- Lima, D. and Viana, B. (2022). Mulheres negras na tecnologia: uma revisão da produção acadêmica brasileira. *Revista de Estudos Interdisciplinares em Ciências Sociais*, 8(1):45–60.
- Nascimento, F. F. d., Dantas, L. C. d. O., Castro, A. F. d., and Queiroz, P. G. G. (2024). Técnicas de mineração de dados e aprendizado de máquina aplicados à evasão estudantil: um mapeamento sistemático da literatura. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, 32:270–294.
- Noble, S. U. (2018). *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*. NYU Press.
- Oliveira, M. and Santos, R. (2021). Interseccionalidade e exclusão na tecnologia: uma análise mista. *Revista Brasileira de Estudos de Gênero*, 9(2):77–95.
- Petersen, K., Feldt, R., Mujtaba, S., and Mattsson, M. (2008). Systematic mapping studies in software engineering. In *12th International Conference on Evaluation and Assessment in Software Engineering (EASE)*, pages 68–77.
- PretaLab (2021). Relatório pretalab: Mulheres negras na tecnologia. Acesso em: 20 mar. 2025.
- Reprograma (2022). Relatório de impacto 2022. <https://reprograma.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- Santos, A. L. and Silva, M. R. (2020). Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. *Revista Brasileira de Estudos de Gênero*, 28(1):1–20. Acesso em: 20 mar. 2025.
- Santos, A. L. and Silva, M. R. (2021). Mulheres na tecnologia: desafios e percepções. *Revista Brasileira de Gênero e Tecnologia*, 7(3):120–138.
- World Economic Forum (2022). Global gender gap report 2022. <https://www.weforum.org/reports/global-gender-gap-report-2022>. Acesso em: 20 mar. 2025.